



ORIENTE MÉDIO

Acordo nuclear de décadas e bilhões

Estados Unidos e Arábia Saudita firmam pacto de cooperação atômica para fins civis e sinalizam respeito à não proliferação. Parceria abre caminho para enriquecimento de urânio. Especialista alerta para risco da falta de rigor nas inspeções

» RODRIGO CRAVEIRO

Washington e Riad formalizaram um pacto de cooperação nuclear para fins civis, além de um acordo bilateral sobre salvaguardas nucleares. Os documentos foram firmados pelo secretário de Energia dos EUA, Chris Wright, e pelo homólogo saudita, o príncipe Abdulaziz bin Salman. “Os dois acordos estabelecem, em conjunto, a base jurídica para uma parceria de várias décadas e de bilhões de dólares, que impulsionará diversos objetivos econômicos e estratégicos prioritários, incluindo a não proliferação nuclear”, anunciou o Departamento de Energia dos EUA.

“Podem ficar tranquilos: esses acordos respeitam os mais elevados padrões de segurança nuclear e não proliferação, ao mesmo tempo em que se baseiam na melhor tecnologia e nos melhores cientistas nucleares do mundo — desenvolvidos e formados aqui mesmo, nos Estados Unidos”, completou Wright.

O jornal *The Washington Post* informou que o acordo abre caminho para que os sauditas enriqueçam combustível nuclear. Em troca, eles se comprometem a usar empresas americanas para abastecer os seus reatores. O Congresso dos EUA tem um prazo de 90 dias para se manifestar sobre o tema. Duas fontes familiares afirmaram à TV CNN que Riad não precisará adotar o “padrão ouro” de supervisões internacionais.

O anúncio ocorre em meio à escalada de tensão entre EUA e Irã. Washington acusa Teerã de perseguir um programa nuclear com fins militares. Enquanto Wright assinava o acordo com os sauditas, o presidente Donald Trump estava na Base de Dover (em Delaware), onde recebeu os corpos de americanos mortos em ataques do regime iraniano, considerado uma ameaça também por Riad.

Kelsey Davenport, diretora de Política de Não Proliferação da Arms Control Association (Associação para o Controle de Armas), alertou ao **Correio** que o acordo “abandona normas de longa data de não proliferação e cria o risco de que a Arábia Saudita desenvolva meios para produzir material físsil sem salvaguardas internacionais mais intrusivas”. Isso amplia o perigo de proliferação no Oriente

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Mesmo que o acordo se concretize, a Arábia Saudita ainda levará anos para desenvolver armas nucleares. Portanto, não há ameaça iminente. Além disso, é pouco provável que Riad tome medidas imediatas para construir uma bomba, uma vez que tal iniciativa desencadearia sanções e uma reação internacional negativa. O cenário mais provável é que a Arábia Saudita avance até o limiar da capacidade nuclear, adquirindo os meios necessários para construir uma bomba, caso decida fazê-lo.”

KELSEY DAVENPORT, diretor de Política de Não Proliferação da Arms Control Association (Associação para o Controle de Armas)

Médio, o qual poderia ter repercussões mais amplas, à medida que outros Estados buscam equiparar-se às capacidades sauditas.”

Especialista do Institute for Science and International Security (Instituto de Ciência e Segurança Internacional, em Washington), Sarah Burkhard afirmou à reportagem que é preciso conhecer os detalhes do acordo antes de avaliar seus méritos em termos de não proliferação — a medidas de transparência e verificação, bem como à transferência de tecnologia. “Quanto ao enriquecimento, as informações indicam que o acordo não prevê uma proibição absoluta, mas não estabelece uma autorização explícita. Ele prevê um estudo conjunto sobre a viabilidade comercial do enriquecimento. Caso esse estudo aponte inviabilidade, a Arábia Saudita ficará proibida de atividades de enriquecimento por 10 anos.”

Dois pesos...

Burkhard não vê uma política de “dois pesos, duas medidas” em relação à abordagem americana para a questão nuclear envolvendo o Irã e a Arábia Saudita. De acordo com ela, a proibição a Teerã seria voltada

Saul Loeb/AFP



Trump e Pete Hegseth (D), secretário da Defesa, recebem os corpos de militares norte-americanos mortos no Oriente Médio, em Delaware

somente ao enriquecimento de urânio, não ao programa nuclear; além disso, os iranianos poderiam manter o reator. “A Arábia Saudita cumpre adequadamente as disposições do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP) e as salvaguardas associadas, mantendo uma postura de cooperação com a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA).”

A estudiosa entende que a situação contrasta com a do Irã. “Teerã busca capacidade de armamento nuclear há duas décadas, em desafio ao TNP, o que tem levado a confrontos com inspetores”, disse Burkhard. Davenport, por sua vez, afirmou que o acordo complica as negociações com o Irã. Na opinião dela, um pacto com Teerã exigirá um monitoramento mais intrusivo da AIEA. “O Irã relutará em aceitar salvaguardas adicionais se os sauditas não forem submetidos ao mesmo padrão. É pouco provável que o Irã aceite restrições de longo prazo ao enriquecimento de urânio caso Riad adquira a capacidade nos próximos anos.”

Rebeldes do Iêmen atacam no Mar Vermelho

Os rebeldes houthis do Iêmen reivindicaram ataques contra dois navios petroleiros sauditas no Mar Vermelho, abrindo nova frente na guerra entre os Estados Unidos e o Irã, que continua a se expandir pela região. A reivindicação ocorreu no momento em que os Estados Unidos lançaram nova onda de bombardeios contra alvos militares iranianos, na 12ª noite consecutiva da ofensiva americana ao Irã.

Além disso, o presidente Donald Trump ameaçou destruir pontes e usinas de energia no Irã em resposta a qualquer ataque contra embarcações no Estreito de Ormuz, enquanto Teerã advertiu que dará uma “resposta contundente”.

“Nossa doutrina de defesa é clara: olho por olho. Qualquer agressão contra o Irã, incluindo nossa infraestrutura, exigirá uma resposta forte e decisiva. Aqueles

que contribuírem para tal agressão, seja qual for o tipo de apoio, também serão considerados alvos legítimos”, avisou o chanceler iraniano, Abbas Araghchi.

Trump também advertiu que a guerra, que custou aos EUA mais de US\$ 37 bilhões (cerca de R\$ 187 bilhões), “não terminou”. “Cada vez que a República Islâmica do Irã atacar um navio no Estreito de Ormuz, seja com mísseis, drones ou qualquer outro tipo de arma ou munição, os Estados Unidos vão bombardear e destruir uma ponte ou uma central elétrica”, escreveu o republicano em sua plataforma Truth Social.

Violação

Por meio de um comunicado publicado no Telegram, os houthis afirmaram que “realizaram uma operação militar de grande

impacto contra dois petroleiros sauditas que violaram o bloqueio”, identificando as embarcações como Encelia e Layla. O grupo controla o estratégico Estreito de Bab el-Mandeb, no sul do Iêmen, passagem obrigatória para os navios que seguem em direção ao Canal de Suez, rota que leva à Europa.

A agência britânica de segurança marítima UKMTO informou que um projétil atingiu um navio petroleiro no mar Vermelho, ao largo da costa da Arábia Saudita.

Antes do ataque dos houthis, nove navios retornaram para perto do Estreito de Bab el-Mandeb no Mar Vermelho. Na terça-feira, os rebeldes iemenitas ameaçaram um bloqueio marítimo à Arábia Saudita. A ONU externou preocupação com as ameaças dos huthis e reiterou a necessidade de pleno respeito às resoluções pertinentes do Conselho de Segurança.

AMÉRICA LATINA

Julgamento marcado para Maduro

Um tribunal federal de Nova York marcou para 1º de junho de 2027 o julgamento do presidente (constitucional) da Venezuela, Nicolás Maduro, e da primeira-dama, Cilia Flores. Os dois foram capturados em Caracas em 3 de janeiro, em incursão militar norte-americana, e levados para os Estados Unidos. Desde então, o país é administrado pela vice, Delcy Rodríguez, oficialmente como interina. Na prática, é com ela que Washington tem estabelecido um regime de semi-protetorado, gerindo, inclusive, as exportações de petróleo e o emprego das receitas obtidas — controladas pelo governo norte-americano.

Presos em uma penitenciária no Brooklyn, ambos negam os fatos de que são acusados. O ex-chefe de Estado, de 63 anos, responde a quatro acusações de narcotráfico e tráfico de armas. A esposa, de 69, responde a três acusações. Durante uma audiência preparatória de 20 minutos, o juiz Alvin Hellertin marcou o início do julgamento,

Leonardo Munoz/AFP



Vigilância na corte de Nova York, na chegada do casal presidencial

atendendo a pedido conjunto da promotoria e da defesa.

Manifestantes com cartazes dizendo “Libertem o presidente Maduro” reuniram-se em frente ao tribunal de Manhattan, agitando

bandeiras venezuelanas, enquanto adversários exibiam faixas nas quais chamavam Maduro e a mulher de “ditadores”. Em seu primeiro comparecimento perante a corte, em 5 de janeiro, Maduro

apresentou-se como “prisioneiro de guerra”. Declarou-se inocente das quatro acusações que enfrenta: conspiração para cometer “narcoterrorismo”, conspiração para importar cocaína, posse de metralhadoras e artefatos destrutivos e conspiração para possuir metralhadoras e artefatos destrutivos.

Desde a captura de Maduro, Delcy Rodríguez assumiu como presidente interina e governa sob pressão do governo de Donald Trump. Os EUA controlam as exportações do petróleo venezuelano, cuja receita é destinada a contas especiais supervisionadas em Washington.

Defesa

Em abril, a Justiça norte-americana permitiu que a Venezuela custeasse a defesa jurídica de Maduro e Flores, algo anteriormente proibido pelas sanções impostas a Caracas. O casal havia tentado que os processos fossem arquivados, alegando que impedir o

» Nicarágua vota exclusão de opositores

O Congresso da Nicarágua, controlado pelo governo sandinista, vai votar, no início de agosto, uma reforma para impedir que partidos opositores disputem as eleições, a pedido do presidente Daniel Ortega, informou o chefe do Legislativo, Gustavo Porras. Ortega acusa os adversários de serem instrumentos de intervenção norte-americana no país. O ex-guerrilheiro, de 80 anos, no poder há quase duas décadas, descartou, no domingo passado, realizar eleições nas quais concorram seus adversários, aos quais acusou de “entreguistas” a serviço dos EUA. Os deputados e a autoridade eleitoral vão definir “elementos para não deixar nenhum resquício”, e para que “a manipulação terrível dos impérios e de seus lacaios” não se possa meter nas eleições, disse Porras.

financiamento da defesa violava o direito, garantido pela Constituição dos EUA, de o réu contar com advogado de escolha própria.

Além do processo criminal em curso contra Maduro, as famílias de cinco jovens assassinados na Venezuela ingressaram, no início de julho, com uma ação civil em que o acusam de ter ordenado as execuções, no âmbito de um esquema de violência de Estado. A ação alega que Maduro ordenou às Forças de Ações Especiais (Faes), grupo de segurança de elite,

que executassem os jovens, entre 2017 e 2020. As Faes foram dissolvidas em 2021, após denúncias de violações de direitos humanos, inclusive por parte da ONU.

Durante seu mandato de quase 13 anos, Maduro foi acusado de recorrer à repressão política para se manter no poder. Suas duas reeleições, em 2018 e 2024, foram consideradas fraudulentas por numerosos países, incluindo os EUA. O Brasil, até hoje, não reconheceu o atual mandato.